

## O MAL NO PENSAMENTO DE HANNAH ARENDT: III REICH E ADOLF EICHMANN EM PERSPECTIVAS

PEREIRA, Mateus Araújo<sup>1</sup>

### RESUMO

Este trabalho pretende discutir alguns elementos presentes nas obras de Hannah Arendt colocando como perspectivas Adolf Eichmann e o III Reich. Eichmann foi um nazista que contribuiu para a “solução final”, isto é, o extermínio dos judeus na Alemanha e países dominados, fazendo isso com a falta de pensamento, sem refletir sobre os seus atos. O III Reich foi o período onde o nazismo dominou, seu líder era Adolf Hitler - a pessoa que idealizou a raça pura e o extermínio dos que não eram desta raça. Após a queda do regime nazista muitos se suicidaram, mas alguns não tiveram coragem e fugiram. Um deles foi Eichmann, que em 1960 foi capturado e em 1961 julgado em Israel. Arendt cobriu o julgamento e logo após publica sua obra “Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal” na qual ela irá expressar o conceito de banalidade do mal adquirido a partir de observações feitas durante o julgamento. As obras analisadas serão As Origens do Totalitarismo e Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal. Será colocado também no presente trabalho um breve histórico do antissemitismo e dos regimes totalitários que será a partir desta primeira análise que ela irá criar o primeiro conceito de mal. Analisar-se-á como que o mal se personifica na figura de Eichmann.

**Palavras-chave:** Arendt, Eichmann, banalidade do mal, antissemitismo, totalitarismo.

---

1 Graduando em licenciatura em Filosofia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú.

## 1 INTRODUÇÃO

O problema do mal já foi um tema discutido por diversos filósofos, em diferentes contextos históricos, também visto de diversos ângulos. A autora Hannah Arendt vê o mal no contexto contemporâneo especificando no período do III Reich ( a 2ª guerra mundial). Antes da autora trabalhar especificamente o III Reich, ela teve uma visão mais ampla, analisou os sistemas totalitários que haviam, porém sua obra *As Origens do totalitarismo* não buscou exatamente a origem, mas sim uma descrição dos elementos que cristalizaram no totalitarismo<sup>2</sup>.

No livro *As Origens do Totalitarismo* em seu prefácio, Hannah Arendt, tenta buscar as origens do antissemitismo. O povo judeu foi o povo que mais sofreu com o totalitarismo alemão, mas também com a violência da humanidade ao longo da história. Eles vem sofrendo desde a época do império Romano, passando pela idade media e até a contemporaneidade, sofrendo expulsões, massacres e perseguições contínuas. A discrepância entre o período do império romano e a idade média em relação as perseguições aos judeus é como um abismo comparado a mudança da idade média para a modernidade. Na Idade Média os massacres foram com as primeiras cruzadas, mas o que marca o início do antissemitismo é quando o povo judeu passa a ter um pensamento diferente do imposto na época “judaísmo se tornou um sistema fechado de pensamento” (ARENDR, 1989, pág. 18) A partir desse momento histórico o povo judeu percebeu que a sua diferença para os demais povos não era sua religião ou credo e sim o seu interior, o modo de pensar e de ver a realidade.

O antissemitismo como ódio aos judeus é uma parte intrínseca as relações entre os judeus e os gentios<sup>3</sup> isso desde o início da dispersão judaica. Esse estudo feito da historicidade do povo judeu só teve ênfase em meados do século XIX antes disso o interesse pela história do povo judeu era nula, e o inicio desses estudos coincidiram com a eclosão do antissemitismo, que foi mais um episódio ruim na história dos judeus. Antes eram os gentios agora na contemporaneidade são os antissemitas.

Hannah Arendt foca suas pesquisas sobre o mal no III Reich na qual pode-se notar numa escala histórica próxima de nós. No livro *As Origens do Totalitarismo* é repassado um mal histórico onde decorre desde brigas e massacres entre povos, mostrando a maldade que há

---

2 DIAS DA SILVA, Thiago, Mal, modernidade e pensamento em Hannah Arendt, Sócrates e Eichmann em perspectiva, dissertação de mestrado da Universidade de São Paulo. Disponível em <http://filosofia.fflch.usp.br/posgraduacao/teses-2013> .

3 Os gentios eram os povos que eram diferentes dos judeus, não pertenciam a casa de Israel e diferenciavam em três aspectos fundamentais nos hábitos alimentares, circuncisão e na guarda dos sábados.

intrínseca nesses seres. E foi nessa obra citada, publicada no período pós-guerra que o mal apareceu pela primeira vez na obra arendtiana.

A autora também escreve um livro chamado “Eichmann em Jerusalém” na qual irá tratar de um julgamento de um nazista que a mesma presenciou como jornalista. Nesse livro é introduzido um termo que é a banalidade do mal, em suas observações ele percebe a normalidade do acusado e como ele tornou o mal banal. Outro fato que a autora coloca para que tenha acontecido todo esse massacre do povo judeu na Alemanha foi a acriticidade ou a falta do pensamento crítico, ou seja, foi retirado a capacidade de reflexão dos alemães. Arendt também quis demonstrar a normalidade que há em Eichmann, sua própria calma quando falava tudo aquilo que havia feito com os judeus sem expressar arrependimento. Eichmann é o retrato do mal na obra arentiana.

## **2 O ANTISSEMITISMO E TOTALITARISMO**

O antissemitismo é a ideologia de aversão cultural, étnica e social aos os judeus. O termo foi introduzido pelo o autor Wilhelm Marr<sup>4</sup> em 1873, o termo foi criado para eufemizar outra palavra alemã. Antissemita são todas aquelas pessoas que são descendentes de Sem filho de Noé. A palavra refere-se unicamente ao povo judeu. Na Alemanha todos os males que aconteciam era posta as culpa nos judeus. Segundo Adolf Hitler (Arendt, Origens do totalitarismo, 1989,pg.269) o povo judeu era um povo explorador que vivia dos trabalhos dos outros e da exploração econômica visando o lucro e não o bem comum. Com todo esse pensamento o nazismo queria colocar o preconceito na consciência das pessoas que eram simpatizantes do partido. Quando o partido nazista chega ao poder em 1933 criaram uma legislação que deixa de fora os judeus.

A política nazista não girou entorno do antissemitismo por acaso, mas visou de forma final o extermínio do povo judeu, o efeito mais trágico foi após quando as pessoas sobreviventes se viram sem família, sem lar. O antissemitismo já foi visto como algo nacionalista, e era isso que o nazismo quis impor para a sociedade alemã. Os nazistas não eram nacionalistas comuns, eles tinham um tipo de propaganda voltada para os que eram simpatizantes e não para os que eram convictos ao partido. E como a população se mostrou acrítica obedecendo tudo que Adolf Hitler colocava, foi despertado o ódio aos judeus em cada

---

4 Foi um agitador e um e um jornalista alemão, que cunhou o termo “antissemitismo” como eufemismo da palavra alemã “judenhass”, (ódio aos judeus).

alemão simpatizante do nazismo tonando a população antissemítica. Arendt compara a propaganda nazista com a propaganda soviética que era usada para o repasse de preconceito.

O “nacionalismo” nazista assemelhava-se à propaganda nacionalista da União Soviética, que também é usada apenas como repasto aos preconceitos das massas. Os nazistas sentiam genuíno desprezo, jamais abolido, pela estreiteza do nacionalismo e pelo provincialismo do estado-nação. (As Origens do Totalitarismo, 1989, pág. 23)

No período imperialista a riqueza do povo judeu havia se tornado desprezível em uma Europa sem equilíbrio de poder entre as nações, o judeu intereuropeu ou não nacional tornou-se um objeto de ódio, tudo isso devido sua riqueza inútil e insignificante, devido sua falta de poder. Porém os judeus já tinham sido bastante úteis justamente por conta dessas características, “Os judeus eram valiosos na guerra na medida em que, usados como elemento não-nacional, asseguravam as possibilidades de paz; isto é, enquanto o objeto dos beligerantes nas guerras de competição era a paz de acomodação e o restabelecimento do *modus vivendi*”(ARENDT, 1989, pág. 41) . Depois as guerras tomaram outro rumo, passaram a ter o caráter ideológico agora não visando a paz, mas a absoluta aniquilação do inimigo. A partir deste ponto que as guerras tiveram outro rumo o povo judeu deixou de ser útil. Outro fato que poderíamos apontar é que eles passaram a desaparecer do cenário político. Arendt coloca a primeira e uma segunda contradição que marca o destino judeu dentro da Europa e durante o últimos séculos

“O primeiro: entre a igualdade e o privilégio- isto é entre a igualdade como privilégio e o privilégio como meio para alcançar a igualdade. A esta, é preciso acrescentar uma segunda contradição; Os judeus, o único povo não-nacional da Europa, foram mais ameaçados que quaisquer outros pelo colapso do sistema de estados nacionais” (As Origens do Totalitarismo, 1989, pág. 42)

Isso nos afirma o que comentado anteriormente quando o povo judeu foi usado para ser um intermédio de paz, um privilégio que os concedia a igualdade com o restante da Europa já que os judeus são os não-nacionais. Quando se deixa de pedir paz e passa para querer aniquilar os inimigos os judeus não tem mais uma função política.

Seria fácil dissolver o precário equilíbrio de forças na Europa, isso a partir de uma eliminação do povo judeu. Mas não é compreensível que essa eliminação ultrapassava o nacionalismo inusitadamente mal e cruel ou que fosse uma tentativa inoportuna de restauração de antigos preconceitos.

“Esse preconceito, que expressava uma verdade histórica, embora não corresponde às novas circunstâncias, estava tão profundamente arraigado entre os judeus, e era tão inconsciente compartilhado por eles, como eram arraigados entre os gentios os preconceitos contrários aos judeus” (As Origens do Totalitarismo, 1989 pág. 44)

Hannah Arendt oferece uma descrição de sistema totalitário bem aberta.

Em vez de se referir a um sistema político de tipo deliberadamente estruturado, ‘totalitarismo’, no sentido arendtiano, significa um movimento de destruição caótico, não utilitário e historicamente dinâmico que agride todas as feições da natureza e do mundo humanos que tornam possível a política” (DIAS DA SILVA, 2013, pág. 56)

Para Arendt o elemento fundamental do para compreensão do totalitarismo é o movimento. Arendt diz que o totalitarismo é uma forma inteiramente nova de governo e surgiu já no século XX, enquanto o antissemitismo surgiu muito antes. Porém o totalitarismo só havia ocorrido na Alemanha no período de Hitler na ascensão do nazismo e na União Soviética (URSS) de Stálin. “trata-se de um governo que pressupõe massas de homens isolados uns dos outros constantemente mobilizadas em função de fins determinados por uma lei não escrita que supostamente rege a natureza (Hitler) ou a história(Stálin)” (ARENDDT, ano, pág).

Segundo a análise desta visão exposta - o movimento, esse sendo característica fundamental no sistema totalitário segundo Arendt -, o de natureza teria como objetivo estabelecer o domínio da raça superior (os arianos) enquanto isso analisa-se o movimento da história como algo que tenderia para a criação de um domínio de uma classe superior. Os movimentos exigidos pela ideologia é tarefa do Estado e constitui o terror (o mal) que esse mal será a essência do totalitarismo.

No livro *As Origens do Totalitarismo* Hannah Arendt não preocupa-se em colocar diretamente a questão do mal. Mas perceptível que ela trata o mal em sua obra.

(...) em seu afã de aprovar que tudo é possível, os regimes totalitários descobriam, sem o saber, que existem crimes que os homens não podem punir nem perdoar. Ao tornar-se possível, o impossível passou a ser o mal absoluto, impunível e imperdoável, que já não podia ser compreendido nem explicado pelos motivos malignos do egoísmo, da ganância, da cobiça, do ressentimento, do desejo do poder e da covardia; e que, portanto, a ira não podia vingar, o amor não podia suportar, a amizade não podia perdoar. Do mesmo modo como as vítimas nas fabricas da morte ou poços de esquecimento já não são “humanas” aos olhos de seus carrascos, também essa novíssima espécie de criminoso situa-se além dos limites da própria solidariedade do pecado humano. (As Origens do Totalitarismo, 1989, pág. 510)

A apreensão do novo mal cometido por homens mostrou-se impossível, pois já não é mais humano. Este mal não se converteu em algo misterioso e desvinculado dos

homens, mas sim podemos dizer o contrário; o mal se abateu sobre os homens tornando ainda mais urgente a exigência existencial de se conciliar com um mundo em que este mal foi cometido. “As reflexões de Arendt a respeito do mal podem, assim, ser consideradas etapas de uma tentativa de pôr fim á vertigem causada pela falta de sentido da completa e absurda insensatez do mal sobre-humano causado por humanos contras humanos e contra o mundo em que viviam” (DIAS DA SILVA, 2013, p.18)

Arendt nos mostra com *As Origens do Totalitarismo* como o mal surgiu nos regimes totalitários e a história do antissemitismo ( ódio aos judeus).

### **3 O MAL PERSONIFICADO**

O mundo passou por diversas guerras e quando Arendt trata dos sistemas totalitários, ela fala muito dos quais foi contemporânea, como o nazismo com III Reich Adolf Hitler (Alemanha) como a figura que estava a frente das maldades ocorridas nesse regime totalitário e o bolchevismo com a figura de Stálin ( URSS).

No regime Nazista o mundo presenciou a morte de mais ou menos seis milhões de pessoas por conta de toda a maldade desse grupo. Não se sabe nem exatamente quantos judeus foram mortos. O regime nazista com ascensão do próprio partido nazista ao poder, a partir desse momento, iniciou uma propaganda forte aos que não eram convictos ao nazismo isso sem esquecer os simpatizantes. Hitler queria despertar em todos os que simpatizavam com o regime o ódio ao povo judeu tornando assim a população alemã antissemita. O líder Adolf Hitler não tinha a pretensão apenas de formar um governo comum, mas tinha uma ideia de formar um grande império especificamente o terceiro império (III Reich) que ainda mantinha a ideia de formar a raça pura (os arianos) eliminando os não-puros que na concepção nazista eram os judeus, aqueles que não tinham nacionalidade também eles perseguiam outros grupos (étnicos, religiosos, políticos contrários àquela ideologia) isso com alegações suspeitas apuradas a partir do meio artístico e político. No período do III Reich, a população não sabia distinguir se aquela pessoa que estava liderando era um Herói ou um ex-assassino. Arendt levanta esse problema: o da dificuldade de se orientar em um povo.

Cujos limites internos, que demarcam os criminosos e os normais, os culpados e os inocentes, foram apagados tão radicalmente que ninguém saberá dizer na Alemanha se está lidando com um herói secreto ou um ex-assassino em massa. (ARENDDT, “Organized Guilty and Universal Responsibility”, p. 154 trad, DIAS DA SILVA,Thiago)

Nesse pensamento torna-se um pouco confuso para que se perceba quem é bom ou mal devido a confusão de para os simpatizantes parece um grande herói mas para a população oprimida não passaria de um assassino. A maldade observada no III Reich foi uma maldade que pode-se dizer que foi extremamente calma e fria às pessoas que praticavam todas as atrocidades com o povo judeu via aquilo apenas como cumprir ordens e não como realmente era crimes monstruosos. Isso tudo é atribuído a acriticidade humana, Arendt diz que...

A realidade é que ‘os nazista eram homens como nós mesmos’; o pesadelo é que eles mostraram e provaram para além de toda dúvida aquilo de que o homem é capaz. Em outras palavras, o problema do mal será a questão fundamental da vida intelectual na Europa- como a morte se tornou o problema fundamental depois da ultima guerra (Nightmare and Flight, pág. 134, trad. DIAS DA SILVA, Thiago)

Nesse pensamento pode-se ver o que torna o homem mau e sua incapacidade de reflexão: isso é, sua total acriticidade. O homem normal não possui a capacidade de fazer crítica e de refletir sobre o que é pedido, esse homem normal foi que viveu no terceiro Reich. Mas nestes pontos pode-se notar que para Arendt o mal é uma capacidade humana. Ainda mais, todos esses conceitos arendtianos se aplicam ao terceiro reich, no período pós-guerra diante do forte sentimento de culpa que chegou aos alemães. Arendt aprofundou seu pensamento para afirmar mais fortemente que a culpa não deve-se dizer que foi o povo alemão, mas sim o de ser humano, pois podemos ver com a emergência do totalitarismo o “incalculável mal que os homens são capazes de gerar”(ARENDR, Organized Guilty and Universal Responsibility,pág. 161. trad. DIAS DA SILVA, Thiago ). Esse mal a qual não poderíamos calcular apareceu com toda sua força no regime nazista, que ao final do holocausto teve um número próximo de seis milhões de judeus mortos. Na visão de arendtiana os regimes totalitários em especial o nazismo ao qual ela não foi só contemporânea mas também sofreu com o regime, foram esses um exemplo de maldade e como ela foi tida como algo banal.

Portanto, não temos nada em que buscar apoio a fim de compreender um fenômeno que, entretanto, nos confronta com sua insuportável realidade e que põe abaixo todos os padrões que conhecemos dizer que o mal radical surgiu em conexão com um sistema no qual todos os homens se tornaram igualmente supérfluos. Os manipuladores desde sistema acreditam em sua própria superfluidade tanto quando na de todos os outros, e os assassinos totalitários são muito mais perigosos porque eles mesmos estão vivos ou mortos, se alguma vez já viveram ou nasceram. (ARENDR, As origens do Totalitarismo, 1989, pág 510.)

Arendt depois de ter trabalhado o mal no livro As Origens do totalitarismo isso que podemos ver que ela deu um ênfase no sistemas totalitários sempre colocado o nazismo em melhor evidência ela irá trabalhar bem aprofundado em sua obra Eichmann em Jerusalém.

Que nesta obra podemos ver como Arendt personifica o mal que ela estudou em sua obra passada.

Arendt personifica na figura de Adolf Eichmann, que foi um nazista entusiasmado na verdade Eichmann foi entre tantos outros que viveram sobre o comando de Adolf Hitler e que sem dúvidas ajudaram para que os horrores que aconteceram durante o período do terceiro Reich. O holocausto contra os judeus certamente foi planejado pelas pessoas que estavam no primeiro escalão o qual Eichmann nunca participou. Ele não deu ordens, mas fez com essas fossem cumpridas isso é com os horrores acontecessem. Quando o III reich caiu Eichmann foi preso, mas conseguiu fugir. Refugiou-se na Argentina, mas quando fugiu desencadeou a fúria dos demais encarcerados o que culminou na revolta e jogassem toda a responsabilidade sobre Eichmann. Fugiu novamente para a Argentina, em 1945, com o auxílio da ODESSA (Organização dos ex-membros da SS). Passou a viver nos subúrbios de Buenos Aires de forma simples e humilde com documentos falsos. Trabalhava em um modesto emprego em uma fábrica automobilística. A partir desse momento ele começou a aparecer e facilitou para o serviço secreto israelense localizá-lo. Depois da localização, prepararam sua captura para que fosse de forma bem discreta. Houve o pretexto de uma cerimônia diplomática: o governo israelense enviou uma representação diplomática em um avião vindo direto de Israel. A sua captura ocorreu no dia que o avião estava no aeroporto da capital Argentina. Sedaram-no e levaram para o governo de Israel.

No dia 23 de maio do ano de 1960, o então primeiro ministro de Israel, David Ben-gurion, anunciou algo inesperado para o parlamento Israelense: um dos grandes criminosos nazistas estava preso em Israel e seria julgado. Suas palavras foram estas:

Eu devo anunciar ao Knesset [o parlamento de Israel] que um dos grandes criminosos nazistas de guerra, Adolf Eichmann, o homem responsável, juntamente com os líderes nazistas, pelo que eles chamaram de a 'solução final', ou seja, aniquilação de seis milhões de judeus europeus, foi recentemente descoberto pelos serviços secretos de segurança de Israel [Mossad]. Adolf Eichmann já está preso em Israel e será julgado em breve sob os termos da lei para julgamento de nazista e seus colaboradores" (Apud LIPSTADT, The Eichmann Trial, pág.03)

O Primeiro-ministro não deu mais informações, mas estas dadas percorrem o mundo. Por nunca ter chegado no primeiro escalão do III Reich, seu nome era desconhecido isso é até o anúncio de sua prisão. Após vários estudos descobriram a importância do papel de Eichmann no III Reich. Ele havia participado do governo desde o início.



Eichmann tinha uma tarefa a qual nunca tenha refletido: ele organizava os judeus na Alemanha e nos países ocupados e deportava-os para os campos de concentração, onde veriam a morte e a maldade que o homem pode chegar, isso de forma organizada.

O acusado foi julgado quase que um ano após do anúncio da sua prisão. O interesse neste julgamento adquiriu a escala global. Todos especulavam sobre sua personalidade, de um homem que foi capaz de direcionar de forma racional e organizada a morte de milhões de pessoas em campos de concentração. Quando Israel estava as vésperas do julgamento, o grande palco estava sendo terminado em Jerusalém. Foi em um grande teatro que havia sido adaptado para um espetáculo com suas proporções midiáticas enormes e a estrutura foi tão grandiosa para as existentes em Jerusalém. Para a proteção do acusado foi montada uma cabine à prova de balas e para cobrir midiaticamente todo o julgamento foi instalado equipamentos de mídia em escala global.

No dia que Eichmann estava sendo julgado era uma ânsia muito grande em todos, inclusive em Hannah Arendt. Quando o protagonista aparece, aquele que especulou-se intensamente durante um ano, finalmente ao público, e o que se viu foi um homem normal. Diferente daquele homem capaz de crimes monstruosos, isto é, diferente daquele monstro em si que era visualizado pelas as pessoas, mas diferente de tudo; viram-se diante dos olhos, um homem comum.

... quase todos os presentes no julgamento(...) tiveram a mesma reação previsível. Como poderia este homem de aparência normal ser responsável pela morte de milhões? Elie Wiesel, que estava cobrindo o julgamento par The Jewish Daily Forward, observou que os jornalistas reunidos consideravam notável que ele não parecia 'diferente dos demais humanos. (LIPSTADT, The Eichmann Trial, p.56)

Quando o acusado se colocou diante do povo viram essa pessoa tranquila e que nada diferia dos demais seres humanos.

... diante desta questão, duas posturas surgem como possíveis. Pode-se considerar, como de fato fizeram alguns, que a normalidade de Eichmann é um embuste ardilosamente construído para reforçar, diante do júri, o argumento de que ele apenas cumpria ordens superiores que já estavam mortos e que seria os verdadeiros culpados por tudo. Sob este manto de normalidade e até certa ingenuidade, se esconderia um antissemitismo feroz e enlouquecido que serviria de raiz para o mal que o estado nazista tornou possível de ser efetivado. A outra postura possível é levar a sério a mediocridade do autor de monstruosidades. Esta é a posição de Hannah Arendt. (DIAS DA SILVA, 2013, P. 12)

Primeiro a autora coloca o fato da acriticidade humana, isto é, Eichmann é um ser humano normal devido a não refletir sobre seus atos. Claramente é dito que ele apenas cumpria as ordens de autoridades do primeiro escalão, as pessoas que estavam superiores a

ele. E por traz dessa normalidade, esconde-se um antissemitismo que é a raiz para o mal nazista e todo o terceiro Reich. Foi através desse mal que teria sido possível o efetivamente do que os nazistas almejavam, que era a purificação da raça.

No momento que Arendt soube da captura de Eichmann, entrou em contato com a revista norte americana The New Yorker oferecendo-se seus serviços para reportá-lo e cobrir o julgamento do então capturado. Não teve problemas para ser aceita devido já ser uma figura intelectual importante nos Estados Unidos da América. Um ano mais tarde, partiu para Jerusalém para cobrir o julgamento. Vale também citar que Arendt sofreu com o regime nazista ela era uma judia alemã, quando Hitler subiu ao poder. Foi para a França, onde trabalhava na formação de jovens agricultores. Quando iniciou a guerra de fato foi tida como judia e posta em campo de concentração, conseguiu fugir e chegou a Nova York. Ficou sem direitos políticos por um tempo, mas depois conseguiu naturalizar-se estadunidense.

Quando Arendt ver Eichmann, ela traça um perfil de homem burocrata, isto é, um total incapaz de admitir a sua parte na culpa pelo holocausto, as palavras do acusado “com os assassinatos dos judeus não tive nada a ver, nunca matei um judeu, nunca matei um ser humano” (ARENTE, Hannah, Eichmann em Jerusalem, ano pág.33). Segundo Arendt (1999) “ele parecia acreditar que, atrás da escrivãzinha, suas mãos estariam limpas”. Esses termos que o próprio acusado fala e a autora cita nos trás a certeza daquela acriticidade e como o mal fica tão explícito não só no regime nazistas mas podemos perceber em um indivíduo a frieza e não arrependimento de ter cometido crimes monstruosos contra a humanidade e um povo. Mesmo estando por trás da escrivãzinha há culpa, pois sua função era enviar os judeus para os campos de concentração.

No seu livro “Eichmann em Jerusalém - Um Relato sobre a banalidade do mal”, Arendt levanta interessante e é na verdade o que motiva ainda mais os estudos do mal político em sua obra, ela trás o conceito da banalidade do mal, que é eliminação de outras vidas sem causa alguma, sem nenhuma motivação ideológica ou até patológica como ela coloca, na verdade é a recusa do pensar. Adolf Eichmann cometeu os maiores crimes contra os judeus por que ele agia como se não estivesse fazendo nada demais. Eichmann tornou-se incapaz de pensar por conta própria, havia perdido a sua capacidade de distinguir entre o bem e mal.

Eichmann era um homem que não parava para refletir. Ele não tinha perplexidades e nem perguntas, apenas atuava, obedecia. Seu desejo era de agir corretamente, de ser um funcionário eficiente de ser aceito e reconhecido dentro da hierarquia. (SOUKI, Nádia. “Hannah Arendt e a banalidade do mal”. V.8. No26, p.53.)

No momento do julgamento, a autora afirmou que o acusado mostrava seu orgulho de ter sido um servidor fiel de Hitler e de outros líderes nazistas. Segundo Arendt o que diminuiu a consciência de Eichmann foi não encontrar ninguém que se opunha a solução final.

Sem dúvida, os juízes tiveram razão quando disseram ao acusado que tudo o que dissera era “conversa vazia”- só que eles pensaram que o vazio era fingido, e que o acusado queria encobrir outros pensamentos, que embora hediondos, não seriam vazios. Essa ideia parece ter sido refutada pela incrível coerência com que Eichmann, apesar de sua má memória, repete palavra por palavra as mesmas frases feitas e clichês semi-inventados( quando conseguia fazer uma frase própria, e a repetia até transformá-la em clichê) toda vez que se referia a um incidente ou acontecimento que achava importante. (...) o que ele dizia era sempre a mesma coisa. Expressa com as mesmas palavras. Quando mais se ouvia Eichmann, mais óbvio ficava eu sua incapacidade de falar estava intimamente relacionada com sua incapacidade de pensar... ( ARENDT, Eichmann in Jerusalem.1999, pp.62-63)

Intrínseco a essa funcionalidade Eichmann buscava cumprir o seu papel, aquele que os líderes lhe concederam: o de um subordinado levando à cabo todas as tarefas atribuídas, sem tomar a mínima consciência do que estava fazendo. Além de tudo isso, Arendt percebe um fato polêmico: não foi somente nos alemães que Adolf Eichmann encontrou resistência, foi também no povo judeu. Nas vítimas ele encontrou submissão e aceitação. Então esta ideia poderia ser compreendida como uma ofensa para tantos e tantos judeus, podia ser interpretada como uma diminuição do sofrimento judeu. Por que ela afirma que Eichmann jamais seria um monstro, entendia-se assim que o genocídio nazista não foi tão monstruoso. Com esta afirmação Arendt perdeu vários amigos judeus e também foi alvo de várias críticas a respeito da publicação do livro sobre o subordinado nazista.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É notório a mudança que o julgamento de Eichmann teria provocado no pensamento de Arendt, tendo criado logo após o conceito de banalidade do mal. Após criar ou constatar essa nova forma de mal, Arendt reviu o conceito de mal radical exposto na obra “As Origens do Totalitarismo”. Arendt conclui que a falta de pensamento está entre as condições para que seja possível essa nova concepção de mal. Arendt também diz que esta ausência de pensamento se vincula com a modernidade. Eichmann descrito por Arendt aparece como aquele modelo de homem que compõe a sociedade moderna de empregados e esse caracteriza o estágio das sociedades de massa. Continuando sua descrição, segundo Arendt pode-se dizer também que é um diagnóstico dos perigos contidos no conformismo bem comportado que

caracteriza a normalidade das sociedades de economia avançada e pautadas pela atividade do trabalho.

A obra arendtiana apresenta um conceito de mal novo, esse que tem a falta do pensamento, acriticidade como seu centro, além disso um mal que podemos dizer que é político. A adesão à opiniões da maioria ou de um grupo carrega consigo a possibilidade de matar, tido como exemplo Eichmann que convencido que cumpria um dever, seguiu ordens e deixou de pensar por si. Isso é a banalidade mal personificada. Mas ainda pode-se ir mais, por que não foi só Eichmann. Foram muitos simpatizantes do nazismo que tinham a mesma ação e não se questionavam tornando o mal banal em todo período do III Reich. Este período marcado pela morte de seis milhões de pessoas, mortas devido suas diferenças com os nazistas, causadas pelo o antissemitismo explorado em *As Origens do totalitarismo* na qual Arendt buscou a origem do termo e como se inicia esse ódio ao povo judeu.

É conclusivo que a autora nos coloca uma nova forma pensar e de olhar para os regimes totalitários que não foram apenas um instrumento de morte e de deter de poder, também foi uma alienação sobre o ser e é triste não haver resistência a essa dominação. As pessoas se submetem a um pensamento alheio e é que caracteriza mais uma vez o mal banal. Em uma conferência, em 1970, Hannah Arendt fala sobre o julgamento de Eichmann e a banalidade do mal, e o que havia observado:

Há alguns anos, em um relato sobre o julgamento de Eichmann em Jerusalém, mencionei a 'banalidade do mal'. Por mais monstruosos que fossem os atos, o agente não era nem monstruoso nem demoníaco; a única característica específica que se podia detectar em seu passado, bem como em seu comportamento durante o julgamento e o inquérito policial que o precedeu, afigurava-se como algo totalmente negativo: não se tratava de estupidez, mas de uma curiosa e bastante autêntica incapacidade de pensar. (Arendt, 1971, p. 417)

Segundo a autora, o desumano se esconde em cada um de nós. Continuar a pensar e interrogar a si próprio, é a única condição para não ser consumido por esse mal.

## REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **As Origens do Totalitarismo**. Origens do Totalitarismo. São Paulo: Cia das Letras, 1989

ARENDDT, Hannah. **Eichmann in Jerusalem**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999

DIAS DA SILVA, Thiago. **Mal modernidade no pensamento de Hannah Arendt: Sócrates e Eichmann em perspectivas**. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2013. Disponível em <http://biblioteca.unifacef.com.br/link/?id=115451>

PINHEIRO PERIRA, Wagner. **O julgamento de Nuremberg e o de Eichmann em Jerusalém: O cinema como fonte, e prova documental e estratégica pedagógica**. Disponível em: [http://www.dhnet.org.br/direitos/anthist/nuremberg/eichmann\\_nuremberg\\_israel.pdf](http://www.dhnet.org.br/direitos/anthist/nuremberg/eichmann_nuremberg_israel.pdf). Acesso em 24 de Abril de 2014.